

DESAFIOS POLÍTICOS E SOCIAIS, PERSPECTIVAS INTERDISCIPLINARES DE RESISTÊNCIA: o “Dicionário dos Negacionismos do Brasil” como possível mediador no combate ao negacionismo

POLITICAL AND SOCIAL CHALLENGES, INTERDISCIPLINARY PERSPECTIVES OF RESISTANCE: the "Dicionário dos Negacionismos do Brasil " as a possible mediator in combating denialism.

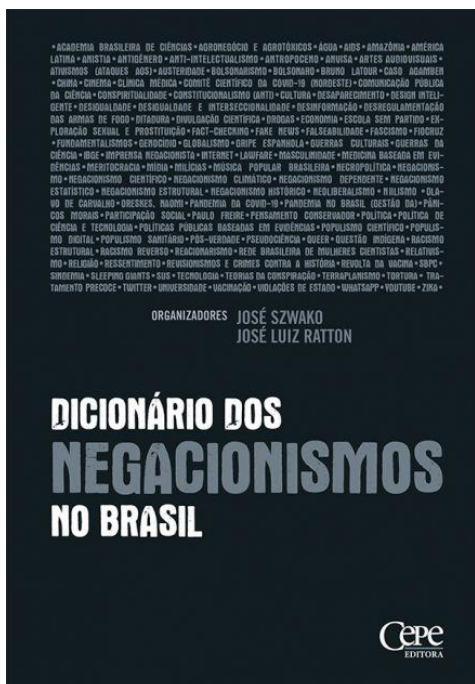
DESAFIOS POLÍTICOS Y SOCIALES, PERSPECTIVAS INTERDISCIPLINARIAS DE RESISTENCIA: el "Dicionário dos Negacionismos do Brasil " como posible mediador en la lucha contra el negacionismo.

 Fábio Marques de Souza¹

 Vanessa Horácio Lira²

 José Francelino Galdino Neto³

1. Possui formação nas áreas de Letras, Línguas Estrangeiras, Tradução, Relações Internacionais e Educação. Atualmente, cursa Estágio de Pós-Doutorado em Diplomacia Cultural e Política Linguística (Universidade de Aswan, Egito) e é Professor Assistente Doutor na Faculdade de Linguística, Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba – FALLA – UEPB. E-mail: fabiohispanista@servidor.uepb.edu.br
2. Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal de Pernambuco (PPGCP-UFPE). Cursou Mestrado em Ciência Política e Relações Internacionais (PPGCPRI-UFPE) e Graduação em Relações Internacionais (UFPB). Professora no Departamento de Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. E-mail: vanessa.lira@servidor.uepb.edu.br
3. Doutor e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Graduado em Relações Internacionais (UFPB). Professor no Departamento de Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. E-mail: netogaldino@servidor.uepb.edu.br



SZWAKO, J.; RATTON, J. L. (org.) **Dicionário dos Negacionismos no Brasil**. Recife: Cepe, 2022. 366 pp.

Disponível em:

<http://www.editora.cepe.com.br/livro/dicionario-dos-negacionismos-no-brasil>

Recebido em: 10/04/2024

Aprovado em: 07/05/2024



Todo o conteúdo deste periódico está licenciado com uma licença Creative Commons (CC BY-NC-ND 4.0 Internacional), exceto onde está indicado o contrário.

Esse é tempo de partido,
tempo de homens partidos.
(...)

Calo-me, espero, decifro.
As coisas talvez melhorem.

São tão fortes as coisas!

Mas eu não sou as coisas e me revolto.

(Carlos Drummond de Andrade, no poema Nosso Tempo)

Negacionismo pode ser definido como a prática crescente de negar ou minimizar fatos históricos, científicos ou políticos comprovados. Esta tendência tem se destacado no cenário político global, influenciando instituições, procedimentos e táticas. O negacionismo histórico, conforme concebido na perspectiva foucaultiana, emerge como um elemento estruturante, moldando uma governamentalidade específica que permeia a vida política em diferentes contextos (VALIM, AVELAR e BEVERNAGE, 2021). O "**Dicionário dos Negacionismos no Brasil**", obra finalista do prêmio Jabuti 2023, organizado por José Eduardo Leon Szwako¹ e José Luiz de Amorim Rattón Júnior², é um livro fundamental para se compreender este fenômeno que tem se tornado cada vez mais proeminente não apenas no Brasil, mas em todo o mundo. Com uma abordagem interdisciplinar, que dialoga com a história, a sociologia, a política e outras áreas do conhecimento, o livro apresenta uma análise profunda e abrangente sobre as diferentes formas de negação e minimização de fatos históricos, científicos e políticos que permeiam a sociedade brasileira.

Os organizadores, ambos renomados pesquisadores em suas respectivas áreas de atuação, trazem uma contribuição significativa ao debate acadêmico ao reunir uma diversidade de perspectivas e temas relacionados ao negacionismo. Desde as negações em relação à ditadura militar no Brasil até os discursos negacionistas sobre a pandemia de COVID-19³, passando por questões como mudanças climáticas, racismo, homofobia e outros temas sensíveis, o livro oferece uma ampla gama de informações e análises que permitem ao leitor compreender a complexidade e a gravidade desse fenômeno.

Um dos pontos altos da obra é a sua capacidade de contextualizar o negacionismo dentro de um cenário político e social mais amplo. Ao discutir as raízes históricas e as implicações contemporâneas do negacionismo, os autores nos convidam a refletir não apenas sobre os discursos em si, mas também sobre

¹ Pesquisador JCNE - FAPERJ; Bolsista Prociência UERJ; professor e pesquisador do IESP-UERJ, doutor em Ciências Sociais (Unicamp). Para mais informações: <http://lattes.cnpq.br/4951620543771934> Acesso em: 07 mai. de 2024.

² Professor/Pesquisador do Depto. de Sociologia, do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE e do Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública da Fiocruz-PE (Instituto Aggeu Magalhães). Coordenador do NEPS/UFPE (Núcleo de Estudos e Pesquisas em Crime, Violência e Políticas Públicas de Segurança da Universidade Federal de Pernambuco). Para mais informações: <http://lattes.cnpq.br/7306229875666481> Acesso em: 07 mai. de 2024.

³ "A Organização Mundial de Saúde – OMS, em 12 de março de 2020, fez saber a todas as civilizações do planeta que, coletivamente, vivia-se uma pandemia denominada de "Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus-2" (SARS-CoV-2). A doença trouxe o maior problema de saúde pública no mundo atual e seus reflexos foram percebidos em áreas importantes da sociedade. O novo coronavírus desencadeou uma crise multidimensional, de ampla envergadura sanitária, humanitária, política, econômica e educacional" (BRENNAND, 2022, p. 9).

as condições sociais, políticas e culturais que possibilitam a sua emergência e perpetuação. Nesse sentido, o livro vai além de uma mera catalogação de casos de negacionismo e se propõe a oferecer uma análise crítica e reflexiva sobre as suas causas e consequências.

Outro aspecto relevante da obra é a sua relevância para o momento atual do Brasil, marcado por uma intensa polarização política e uma crise de confiança nas instituições democráticas. Ao evidenciar como o negacionismo tem sido instrumentalizado por diferentes atores políticos para atingir seus objetivos, o livro nos alerta para os perigos de uma sociedade em que a negação da realidade se torna uma estratégia legítima de ação política.

No entanto, é importante ressaltar que o livro não se limita a uma análise pessimista e fatalista do negacionismo. Ao contrário, os autores também apontam para possíveis formas de resistência e enfrentamento desse fenômeno, seja por meio da educação, da mobilização social ou da atuação política. Ao fazê-lo, eles nos lembram que, embora o negacionismo possa ser uma força poderosa e destrutiva, ele não é inevitável e pode ser combatido com determinação e solidariedade.

A obra nos brinda com 112 verbetes, dentre eles: Agronegócio e agrotóxicos, Aids, Amazônia, América Latina, Bolsonaro, Bolsonarismo, Ditadura, Escola Sem Partido, Fake News, Fascismo, Globalismo⁴, Meritocracia, Necropolítica, Negacionismo, Olavo de Carvalho⁵, Pandemia da covid-19, Paulo Freire, Pós-verdade, Pseudociência, Racismo estrutural, Racismo reverso, Ressentimento, SUS, Teorias da Conspiração, Terraplanismo, Tortura, Tratamento precoce, Universidade, Vacinação, WhatsApp. Desses, a seguir, comentaremos brevemente **Bolsonaro, Bolsonarismo, e Fake News.**

⁴ Szwako e Milani (2022) apresentam que o termo "globalismo" possui, ao menos, três significados diferentes, mas todos estão relacionados ao fato de que a ordem global é um fator importante nos arranjos políticos e socioeconômicos entre indivíduos, países e regiões do mundo. Mesmo que haja diferentes interpretações, todas reconhecem a importância da ordem global. Os autores argumentam que a nomenclatura "ganhou destaque no Brasil nos últimos anos, devendo seu uso ser entendido dentro de um conflito ideológico no interior do qual grupos e intelectuais de extrema direita acusam algo ou alguém de ser 'globalista' ou de representarem supostos 'interesses globalistas'" (p. 153-154). Para uma análise a respeito do Globalismo e a religião no discurso da Política Externa Brasileira em 2019, veja Souza, Melo, Nogueira (2023b).

⁵ "O êxito do olavismo, a adoção do seu pensamento único e individual, é fruto de uma negação dupla e duplamente conveniente: nega-se tanto a competência da rede de instituições científicas e de ensino para produzir ensinar conhecimentos, como também é negada a complexidade dos fenômenos do mundo. Novamente, ambas as negações estão relacionadas. Se os cientistas precisam se dedicar coletivamente à compreensão do mundo, acrescentando, em trabalho de formiga, algumas pedrinhas a um ilimitado mosaico, em plena consciência das suas limitações disciplinares e da relatividade e temporalidade do seu saber, e se, ao mesmo tempo, o mundo não pode ser complexo, mas baseado numa verdade única que Olavo de Carvalho quis descobrir desde criança, os cientistas têm de ser incompetentes - formando o 'imbecil coletivo', título de um de seus livros. Para não ser um idiota, para deleite de seus alunos, basta entender o mínimo que Olavo de Carvalho encontrou, convenientemente, num sistema que se destaca pela sua uniformidade, aplicabilidade e estabilidade" (WINK, 2022, p. 228).

No verbete “**Bolsonaro, J.M.**”, Marcos Nobre, Professor e Pesquisador da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), pesquisador e presidente do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap), apresenta que,

Expressões destacadas dessa combinação de promessa de ordem e permanente produção do caos são os vários negacionismos que caracterizam a atuação de Bolsonaro. Negacionismo dos horrores da ditadura militar, da objetividade científica e jornalística, da confiabilidade das urnas eletrônicas de votação, da eficácia das vacinas e do distanciamento social contra a COVID-19, entre tantos outros. Bolsonaro ‘nega’ tudo o que faz parte do ‘sistema’, e o ‘sistema’, por sua vez, engloba todas as instituições: a mídia, a ciência e a tecnologia, a política, e assim por diante (NOBRE, 2022, p. 60).

Nobre (2022) adverte que não se deve interpretar os negacionismos de Bolsonaro como uma rejeição total da institucionalidade, e que também não é útil pensar que a simples “negação do negacionismo” é uma estratégia eficaz para combater o bolsonarismo. O autor argumenta que seria um equívoco acreditar que é possível e desejável retornar à situação anterior às revoltas de junho de 2013, quando as fraturas expostas da democracia brasileira foram reveladas.

O negacionismo bolsonarista pretende buscar e mesmo dispor da ‘autêntica ciência’, da ‘verdadeira objetividade factual’, da ‘boa política’, e assim por diante. Os negacionismos de Bolsonaro não se voltam contra essas instituições enquanto tais, mas contra a suposta perversão delas. (...). A democracia ela mesma seria a perversão, a origem e causa de todas as demais perversões. E, como tal, deveria ser, ela também, eliminada (NOBRE, 2022, p. 60).

A campanha eleitoral de Jair Bolsonaro, em 2018, foi marcada por estratégias inovadoras, no contexto brasileiro, que chamaram a atenção da mídia e dos eleitores (LIMA; FORTUNATO, 2021). Ao contrário das campanhas tradicionais, que investem em grandes estruturas partidárias e em publicidade massiva na televisão, a campanha de Bolsonaro apostou em estratégias digitais e em uma comunicação mais direta com o eleitorado.

Durante as eleições, as *fake news* e, posteriormente, as *lives* do governo, que proporcionaram uma comunicação mais direta com os cidadãos, contribuíram para a manipulação da informação e a criação da desinformação⁶ como estratégia para confundir e minar a confiança nas evidências científicas. A mentira é frequentemente usada como uma ferramenta política para manipular a opinião pública e controlar a

⁶ “A desinformação é definida como a dinâmica de criação e propagação de informações deliberadamente falsas em meio às plataformas digitais, beneficiando-se de sua rápida e ampla disseminação, com o intuito deliberado de causar danos a atores como indivíduos, grupos sociais, organizações, religiões ou até mesmo Estados. Dentro do conceito de desinformação se incluem, ainda, histórias maliciosas divulgadas amplamente, mas que não necessariamente são falsas, podendo deter elementos de verdade retiradas de seu contexto original, mas utilizadas para causar danos a pessoas, grupos sociais, organizações ou países, como vazamentos de documentos, assédio e discursos de ódio” (PINI, 2022, p. 227).

tomada de decisões políticas. Por meio da mentira, uma realidade distorcida pode ser criada para favorecer certos interesses, ignorando os fatos verdadeiros. O obscurantismo de massa, por outro lado, é a criação de um ambiente de ignorância e desinformação que permite a manipulação da opinião pública. Através da massificação da informação, uma visão distorcida e falsa do mundo pode ser disseminada para beneficiar grupos políticos, econômicos ou ideológicos específicos.

Uma das principais estratégias de inovação de campanha eleitoral de Bolsonaro foi o uso de suportes de redes sociais, em especial do Facebook e do Twitter, que permitiram ao candidato se comunicar diretamente com seus seguidores e eleitores. Por meio das redes sociais, Bolsonaro conseguiu construir uma base de apoio forte e engajada, que o ajudou a difundir suas ideias e propostas de campanha. Outra estratégia importante foi o uso de vídeos curtos e de memes nas redes sociais, que tinham como objetivo transmitir mensagens de forma rápida e impactante. Os vídeos eram produzidos, provavelmente intencional, de forma amadora, com um tom informal e bem-humorado, o que contribuiu para a construção de uma imagem de Bolsonaro como um candidato *anti-establishment* e próximo das pessoas: “em sua trajetória, Bolsonaro forjou uma personalidade política que ama a ordem e odeia a disciplina” (NOBRE, 2022, p.57).

Ao longo das eleições de 2018, elementos como amar e prometer a ordem, ao mesmo tempo em que recusava qualquer disciplina institucional fez de Bolsonaro o candidato vitorioso. Como presidente, ele continuou a amar e prometer a ordem, mas apresentou a ordem existente como caótica. “Bolsonaro foi um candidato antissistema e assim continuou como presidente” (Nobre, 2022, p.58):

Bolsonaro presidente é aquele que governa apenas para ‘os bons brasileiros’. Ou seja, governa apenas para quem o apoia. Do ponto de vista da manutenção de sua base social de apoio, a tática de Bolsonaro desde o início de seu mandato como presidente foi dupla: esquivar-se permanentemente de qualquer responsabilidade como suposto dirigente do ‘sistema’; e vetar qualquer medida potencialmente danosa aos interesses de sua base de apoio (NOBRE, 2022, p.58).

O pesquisador argumenta que Bolsonaro utiliza frequentemente a ambiguidade das expressões "sistema" ou "velha política" para unificar sua base de apoio. Em um sentido amplo, o "sistema" é tudo o que é considerado corrupto e corruptor na vida do país, o que ajuda a unir sua base de apoio. No entanto, em um sentido mais preciso, Bolsonaro e seus apoiadores consideram o "sistema" como sendo de esquerda e se confundindo com a própria redemocratização do país. A eleição de Bolsonaro é uma novidade na história política do país, já que ele foi capaz de catalisar e organizar o eleitorado autoritário, que estava disperso desde o fim da ditadura militar. O pesquisador nos alerta que esse fato não deve ser subestimado, pois essa organização política veio para ficar e ressalta que a eleição de Bolsonaro não foi um caso único ou excepcional, mas sim um resultado de um movimento global de revoltas conservadoras.

Nobre (2022) destaca dois elementos que caracterizam o projeto bolsonarista:

Um deles é o objetivo de tornar organicamente autoritário todo o impulso antissistema, o conjunto de sua base de apoio. O outro desses elementos é dado pelo sentido e pela direção do ímpeto destrutivo das instituições, que vem da certeza de Bolsonaro de que a redemocratização é a responsável por todos os males do país. Assim se poderia explicar o propósito de uma personalidade política que ama a ordem e odeia disciplina, que cultiva o caos institucional em nome da ordem (NOBRE, 2022, p. 59).

Além das ações no universo on-line, a campanha de Bolsonaro investiu em estratégias de marketing de guerrilha, como a distribuição de adesivos e de panfletos em eventos públicos e a realização de carreatas em cidades do país. Essas ações permitiram que o candidato alcançasse um público maior e mais diversificado, que não necessariamente acompanhava as redes sociais.

Outro verbete relacionado é “**Bolsonarismo**”, sob responsabilidade de Camila Rocha (Cebap), Esther Solano (Unifesp) e Jonas Medeiros (Cebap). Os autores apresentam a caracterização inicial:

O Bolsonarismo pode ser caracterizado como um fenômeno baseado na mobilização do que chamamos de ‘política do choque’. A política do choque é uma estratégia utilizada por grupos que se sentem marginalizados no debate público. Tais grupos procuram chamar atenção para suas pautas se afastando da respeitabilidade e utilizando táticas chocantes para uma audiência mais ampla: a disrupção, a transgressão e a quebra de decoro (ROCHA, SOLANO, MEDEIROS, 2022, p.55).

E acrescentam a reflexão de que desde o final dos anos 1970, diversos grupos e movimentos que representam trabalhadores, mulheres, negros e indígenas ganharam uma participação inédita no debate público brasileiro por meio de suas lutas em vários movimentos sociais. Isso resultou na criação de um novo pacto democrático que incluiu a institucionalização de direitos. Esse pacto foi oficializado na Constituição Federal de 1988 e em um arranjo político específico que envolve grandes coalizões parlamentares para assegurar a governabilidade do Poder Executivo. O Bolsonarismo, por sua vez, se rebela contra esse pacto de 1988 e contra a maior diversidade de opiniões presentes neste debate público ampliado:

Ao longo do tempo, os avanços, maiores ou menores, em políticas públicas voltadas para mulheres, negros e pessoas LGBTQI+, desencadearam conflitos de um novo tipo. Afinal, determinados setores da sociedade reagiram ao perder seu poder relativo ou por se sentirem marginalizados no debate público. Parte dessa reação se deu por meio da circulação de suas próprias ideias em fóruns alternativos. E, para tanto, a popularização da internet no país na virada da década de 2000 para 2010 teve um papel fundamental. Foi desse modo que Bolsonaro e seus apoiadores não puderam continuar a se perceber e se apresentar como ‘antissistêmicos’. Em sua visão, o establishment teria, desde meados do regime militar, sido permeado por aquilo que chamaram de ‘hegemonia cultural esquerdista’. Essa alegada ‘hegemonia’ representaria ameaças existenciais a suas visões de mundo e seus modos de vida tradicionais. Daí, então, a necessidade de apostar na ‘política do choque’, mesmo após a ascensão de Bolsonaro à presidência (ROCHA, SOLANO, MEDEIROS, 2022, p. 55 - 56).

Durante a campanha de 2018, Bolsonaro - por várias vezes - declarou que as minorias deveriam se adaptar à maioria ou, caso contrário, deveriam sair do país⁷. Essa declaração sugere uma postura intolerante e excludente em relação às minorias, e é um exemplo de como o discurso político pode contribuir para a disseminação de preconceitos e discriminação.

O discurso de posse do presidente Jair Bolsonaro em 2019 foi marcado por uma forte retórica pseudonacionalista e conservadora, em que ele prometeu combater a corrupção, a criminalidade e a ideologia de gênero. Bolsonaro enfatizou a necessidade de promover mudanças profundas na política brasileira, destacando a importância das reformas estruturantes (possível referência à redução do tamanho do Estado e à reforma da Previdência) mas que também se expressão na ideologia (estrutura e superestrutura). O pronunciamento foi alvo de críticas por parte de setores da sociedade civil e da oposição, que viram em suas palavras uma ameaça aos direitos humanos e às liberdades democráticas.

“Fake News”, verbete produzido por Rafael Cardoso Sampaio, professor e pesquisador na Universidade Federal do Paraná (UFPR) apresenta ser sabido que, no tempo presente, as lideranças políticas lançam mão de suportes e plataformas de redes digitais, bem como dos demais meios de comunicação de massa, como instrumentos propícios à fabricação de um consenso ideológico.

No caso do Brasil, foi pelos suportes de redes sociais digitais que se viu postagens, *fake news* e transmissões de *lives* por meio das quais Jair Messias Bolsonaro levantou as bandeiras de luta pela defesa da família, do Estado e da religião, apresentando-se como o messias, o mito de direita autorizado a dar um novo rumo ao Brasil⁸ (SOUZA, MELO, NOGUEIRA, 2023a).

De acordo com Sampaio (2022), embora fofocas, boatos, mentiras e distorções sempre tenham sido comuns nas disputas políticas, o fenômeno das *fake news*, como o conhecemos hoje, está principalmente ligado ao mundo online e apresenta diversas particularidades. Este fenômeno teve início nas eleições presidenciais de 2016 nos Estados Unidos da América, quando Donald Trump, do Partido

⁷ “Durante o governo Bolsonaro, tanto o presidente como seus filhos utilizaram a política do choque diversas vezes. Comentários escatológicos, o uso de palavrões em declarações à imprensa, bem como ameaças autoritárias continuaram a ser frequentemente imobilizados em declarações públicas” (ROCHA, SOLANO, MEDEIROS, 2022, p.56).

⁸ Paralelo ao fenômeno das *fake news* ou da desinformação, é importante destacar que a ascensão de Jair Bolsonaro e seu sucesso político não pode ser totalmente compreendido sem levar em consideração o papel desempenhado pela mídia convencional, tradicional, impressa, televisiva e radiofônica. A cobertura midiática e a campanha anti-partido dos Trabalhadores e anti-Lula tiveram um impacto significativo na construção da imagem de Bolsonaro e na caracterização do PT como uma força negativa. A mídia desempenhou um papel fundamental ao moldar a narrativa política e influenciar a opinião pública, destacando certos aspectos e minimizando outros. A cobertura frequentemente se concentrou em questões de corrupção e crises econômicas durante os governos do PT, contribuindo para uma visão negativa do partido e de suas lideranças. Além disso, os partidos de centro e centro-direita, em especial o PSDB, tiveram um papel importante na condução do processo de “*impeachment*” contra a presidenta Dilma Rousseff, que culminou em seu afastamento do cargo. Esses partidos foram fundamentais para a legitimidade do processo e para a ascensão do bolsonarismo. A união entre setores políticos de centro e centro-direita com forças conservadoras contribuiu para a construção de uma coalizão ampla que se opôs ao governo do PT (SOUZA, MELO, NOGUEIRA, 2023a).

Republicano, foi eleito e as redes sociais foram inundadas com uma grande quantidade de *fake news* por ambos os lados, especialmente contra Hillary Clinton. A eleição de Trump, o Brexit e o aumento do populismo de extrema direita em todo o mundo estão diretamente relacionados ao crescente uso global das *fake news*.

Por sua vez, em seu governo, Jair Bolsonaro fez uso de estratégias similares às de Trump, buscando estar em um constante clima de confronto com o jornalismo profissional tradicional. Bolsonaro, a exemplo desses líderes, também se apropriou de meios paralelos de informação, que não seriam filtrados ou mediados pela imprensa profissional, usando perfis em plataformas de redes sociais digitais e também aplicativos de conversação direta por celulares, notadamente na formação de grupos para divulgação de suas mensagens (SAMPAIO, 2022, p. 134).

Sampaio (2022) ressalta que, originalmente, as *fake news* eram notícias falsas, criadas, alteradas ou retiradas de seus contextos originais. No entanto, atualmente, elas podem ter formatos mais simples ou rudimentares, sem precisar seguir o modelo jornalístico tradicional. Ainda assim, geralmente são construídas com base em "fatos" inventados ou distorcidos, com o objetivo de atrair a atenção do público e se espalhar rapidamente. Além disso, as *fake news* geralmente exploram o viés de confirmação, ou seja, informações que confirmem o que o indivíduo já acredita, mesmo que não sejam verdadeiras.

A obra é uma leitura imprescindível para todos aqueles que desejam compreender as raízes, as formas e as consequências do negacionismo na sociedade contemporânea. Com uma abordagem erudita e acessível, o livro nos convida a refletir a respeito do papel que cada um de nós pode desempenhar na construção de um mundo mais justo, informado e livre do obscurantismo e da negação da realidade.

Referências

BRENNAND, E. G. G. Prefácio. In: XAVIER, M. M.; SERAFIM, M. L.; SILVA, M. P. B.; ALMEIDA, S. N. C. B. (org.). **Professor, cadê o link?:** dossiê ensino remoto emergencial. São Paulo: Mentis Abertas, 2022. p. 9-15.

LIMA, E. C. A.; FORTUNATO, M. L. (org.) **Mídias sociais, gênero e política no cenário brasileiro.** São Paulo: Mentis Abertas, 2021.

NOBRE, M. Bolsonaro, J. M. In: SZWAKO, J.; RATTON, J. L. (org.). **Dicionário dos Negacionismos no Brasil.** Recife: Cepe, 2022. p. 57-60.

PINI, A. M. A desinformação nas eleições de Donald Trump em 2016. In: MELO, F. R. M.; NOGUEIRA, S. G.; FERREIRA, T. S. H. (Orgs.). **Mídia, opinião pública e política internacional.** Belo Horizonte: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2022, p. 223-254. Disponível em: <https://seloppgcomufmg.com.br/wp-content/uploads/2022/11/Midia-opinioao-publica-e-politica-internacional-Selo-PPGCOM-UFMG.pdf>. Acesso em: 20 de março de 2024.

ROCHA, C.; SOLANO, E.; MEDEIROS, J. Bolsonarismo. *In*: SZWAKO, J.; RATTON, J. L. (org.) **Dicionário dos Negacionismos no Brasil**. Recife: Cepe, 2022. p. 55-57.

SAMPAIO, R. C. Fake News. *In*: SZWAKO, J.; RATTON, J. L. (org.) **Dicionário dos Negacionismos no Brasil**. Recife: Cepe, 2022. p. 133-137.

SOUZA, F. M. **Um estudo dialógico de enunciados concretos do discurso da política externa brasileira (2019)**. (Dissertação de Mestrado em Relações Internacionais). João Pessoa: UEPB, 2023.

SOUZA, F. M.; MELO, F., NOGUEIRA, S.G. **Discurso da política externa brasileira em tempos de Bolsonaro e Araújo**. São Paulo: Mentis Abertas, 2023a.

SOUZA, F. M.; MELO, F., NOGUEIRA, S.G. O globalismo e a religião no discurso do ministro das relações exteriores do Brasil em 2019. **Revista Eletrônica Estácio Saúde**, v. 9, p. 150-171, 2023b. Disponível em: <https://reer.emnuvens.com.br/reer/article/download/729/390/1901> . Acesso em: 8/04/2024.

SZWAKO, J.; MILANI, C. R. S. Globalismo. *In*: SZWAKO, J.; RATTON, J. L. (org.) **Dicionário dos Negacionismos no Brasil**. Recife: Cepe, 2022. p. 153-155.

SZWAKO, J.; RATTON, J. L. (org.) **Dicionário dos Negacionismos no Brasil**. Recife: Cepe, 2022.

VALIM, P.; AVELAR, A. de S.; BEVERNAGE, B. Negacionismo: história, historiografia e perspectivas de pesquisa. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 41, n. 87, p. 13-36, 2021.

WINK, G. Olavo de Carvalho. *In*: SZWAKO, J.; RATTON, J. L. (org.) **Dicionário dos Negacionismos no Brasil**. Recife: Cepe, 2022. p. 227-230.